

AS BANDAS MUSICAIS NA PAISAGEM SONORA DA CIDADE DO RIO GRANDE: UM ESTUDO ARQUEOLÓGICO

BARBOSA, Luciene Mourige; MALTA, Ana Paula Della Cruz da Silva; COSTA, Luciana Simões Netto da; PEREIRA, Virginia Barbosa¹; NAZARIO, Luciano da Costa²

¹ Universidade Federal do Rio Grande – Curso de Arqueologia ² Universidade Federal do Rio Grande – Departamento de Ciências Humanas e da Informação. Endereço eletrônico para correspondência.

1. INTRODUÇÃO

A música com arte popular faz parte do nosso cotidiano cultural e está sempre presente nos mais diversos lugares e momentos de nossas vidas. Neste contexto as bandas de música sejam elas sinfônicas, marciais ou escolares proporcionam um ambiente de fruição artística e de socialização nas comunidades. Temos como hipótese que no século XIX que esta atividade artística desenvolvia-se intensamente no cenário cultural da cidade do Rio Grande e manteve este ritmo durante pelo menos, até a segunda metade do século XX.

O objetivo geral deste estudo é compreender com base na Arqueologia da Paisagem e na etnomusicologia, a relação das bandas musicais neste período, o significado e o re-significado das mesmas para a sociedade, bem como identificar os lugares, espaços e ocasiões onde elas atuavam o que proporcionou o auge e caso tenha ocorrido à decadência desta atividade no cenário cultural riograndino.

A cidade do Rio Grande abriga ainda hoje várias Bandas Marciais, em escolas, agremiações, entidades recreativas e sociedades musicais. Entre elas podemos citar a banda das Escolas Juvenal Muller, França Pinto, Lemos Junior que segundo o imaginário local foi a primeira do país, a Banda Rossini e a Banda do Corpo de Fuzileiros Navais entre muitas outras. As bandas sinfônicas possivelmente desapareceram do cenário musical riograndino, ficando a mais próxima deste modelo de bandas a Banda Rossini.

Temos como hipótese que outras bandas mais antigas circulavam pela cidade do Rio Grande e, em função disto empreendemos um estudo arqueológico ou etnomusicológico para sondar a possibilidade de outras bandas mais antigas terem dado origem a estas. Através da cultura material e das memórias remanescentes destes conjuntos musicais buscaremos fazer uma Arqueologia da Paisagem Sonora da cidade do Rio Grande onde localizaremos temporalmente estas bandas.

Segundo Jara (2010), uma *Paisagem Sonora* é um conjunto de “ambientes sonoros”, ou seja: clubes, escolas ou qualquer espaço onde houvesse apresentações ou estudos musicais, e para isto, pretendemos encontrar em nosso estudo a passagem destas bandas nestes ambientes que formaram a paisagem sonora do Rio Grande e com isto desvelar se existiram e quais as bandas que surgiram antes da que já se instituiu no imaginário local como a primeira.

Diferente de Schaeffer (1991) que trata por Paisagem Sonora os sons a nossa volta podendo ser também os extra-musicais como ruídos ambientais, Jara, (2010), busca a reconstituição de uma paisagem permeada de sons e execuções musicais já desaparecidas ou seja, aquelas que estão no imaginário local, que não existem mais materialmente mas, imaterialmente na memória de indivíduos que circularam por ela.

Conforme Vargas (1999), toda a produção artística, mantém um duplo diálogo constante e produtivo com o passado e a tradição, que servem de articulação ao imaginário de um dado momento histórico. Apoiados nestas teorias, tencionamos com este estudo devolver a cidade parte de sua história artístico musical que se perdeu ao longo dos tempos, já que a temporalidade distanciou estes grupos musicais do imaginário cultural da comunidade riograndina.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo que está em fase inicial está ancorado em uma perspectiva metodológica que transitará pelas orientações quantitativas e qualitativa de pesquisa. Para a execução da pesquisa está sendo feito um trabalho de cunho arqueológico mais precisamente em interface com a etnomusicologia, onde foi feito inicialmente uma revisão bibliográfica para encontrarmos consonância em outros trabalhos. Neste caminho pretendemos quantificar o número de bandas existentes na cidade do Rio Grande e qualificar o estudo enriquecendo com narrativas sobre as memórias de alguns músicos locais.

Parafraseamos Ribeiro (1977) apud Ribeiro (2009) que infere ser a Arqueologia ser uma ciência que “busca a reconstituição das tradições culturais extintas e tente descobrir sua evolução ou decadência, expansão no tempo e no espaço e adaptações ao meio ambiente” (p.14). Ainda neste caminho, a interface da orientação metodológica com os estudos etnomusicológicos acontece pelo fato de esta permitir segundo Jara (2010) a busca do entendimento dos ambientes musicais que formam a paisagem sonora pela visão e os discursos de seus sujeitos e como eles os percebem. Escolhemos a etnomusicologia que tem por característica uma inserção no campo em estudo, onde poderemos entrar em contato com músicos de banda para reconhecer os significados conferidos as bandas musicais assim como descobrir até onde o imaginário local rememora temporalmente as bandas originárias das atuais.

Estamos na segunda fase, estamos na coleta de dados em jornais, e documentos oficiais em bibliotecas, centros musicais e na alfândega da cidade do Rio Grande. Pretendemos colher, classificar e categorizar as Bandas Musicais que formaram a Paisagem Sonora (JARA, 2010) da cidade do período de 1850 a 1950, seja elas riograndinas ou de outros locais.

Em nosso cronograma até novembro de 2011 entrando na terceira fase, começaremos as entrevistas com os músicos da Banda Rossini, que é composta dos músicos mais antigos da cidade em atuação.

Logo em seguida partiremos para a transcrição para obtermos um *corpus* das narrativas, que será organizado segundo as orientações de Poirier; Clapier-Valladon e Raybaut (1999) que seguem seis etapas: pré-análise, classificação do corpus, compreensão do corpus, organização do corpus, organização categorial, e somatório das narrativas.

A partir deste processo em somatório com a coleta de documentos faremos um cruzamento dos dados para resultar as conclusões finais da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até este momento, estamos ainda na fase inicial da coleta de dados, onde já podemos encontrar bandas sinfônicas que tocavam as overtures antes das obras cênico- teatrais, acompanhavam os vaudevilles e os cantores e instrumentistas solistas. Não encontramos até o dado momento a presença das Bandas Marciais nosso objeto de estudo. Logo seguimos nossa pesquisa de campo em busca de maiores informações.

4. CONCLUSÃO

Não podemos ainda apresentar dados conclusivos, pois estamos ainda na fase inicial do estudo.

5 REFERÊNCIAS

JARA, Débora de Fátima Einhardt. **Paisagem sonora e memórias ambientais: pontos de escuta da etnobiografia de Inah Martensen**. 2010. (Dissertação de Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio grande. FURG, 2010.

PEIXOTO, Luciana: Cultura material e memória social. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; CERQUEIRA, Fábio Vergara; NOBRES, Chimene Kuhn (orgs.). **Arqueologia Histórica, Memória e Patrimônio em Perspectiva Multidisciplinar: contribuições da arqueologia, história, literatura, arquitetura e urbanismo**. Pelotas, Rs. IMP,LEPAARQ/UFPeI, 2009. Cap. 1, p.91-103.

POIRIER, Jean; VALLADON-CLAPIER, Simone; RAYBAUT, Paul. **Histórias de Vida: teoria e prática**. Oeiras. Editora Celta, 1999.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991

VARGAS, Christian. Anjos decaídos. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Salete Kern (orgs) . **Imaginário e História**. Brasília: Editora Paralelo. 1999. P. 171-218.